

Vida em verbetes

► Nova safra de dicionários focaliza o pensamento da direita, as mulheres e o período colonial brasileiro

JOÃO PAUL

Uma prova de maturidade das universidades brasileiras. Isso é o mínimo que se pode dizer de três importantíssimos dicionários que estão sendo lançados, produzidos por instituições de ensino e que reúnem pesquisadores de várias universidades brasileiras. São eles: "Dicionário do Brasil Colonial - 1500-1808" (Objetivo, dirigido por Ronaldo Vainfas, "Dicionário Crítico do Pensamento da Direita - Ideias, Instituições e Personalidades" (Tempo e Mauad), organizado por Francisco Carlos Teixeira da Silva, Sabrina Evangelista Meleiros e Alexander Martins Viana; e "Dicionário Mulheres do Brasil, biográfico e ilustrado de 1500 até a atualidade" (Lorge Zahar, organizado por Schurra Schumacher e Érica Vial Brasil).

Em conteúdos de verbetes, um pouco da história de pessoas, ideias e instituições que ajudam a entender a história do Brasil. Mais do que obras de referência, voltadas apenas para pesquisadores, o estilo direto da redação dos textos dá aos volumes a possibilidade de uma leitura em rele, integrando temas na perspectiva do interesse do leitor. São quase 200 colaboradores nos três títulos, mais de 1.500 páginas e cerca do mesmo número de verbetes. Tanto informação que permitiria só foi possível pelo amadurecimento dos grupos de pesquisa vinculados às universidades, o que permitiu a base material para a produção do trabalho. O outro elemento distinto das três publicações é o método crítico que dá o nome de fundo dos dicionários.

■ MUNDO DAS MULHERES

A primeira característica que chama atenção ao folhear o "Dicionário Mulheres do Brasil" é que os verbetes são ordenados pelo ordeno alfabético dos prenomes, o que não é comum em dicionários desta natureza. Mas se explica. Afinal, as mulheres do povo, muitas delas presentes no livro, não tinham direito à palavra, no poder e ao nome. E o caso das verbetes dedicadas sobretudo às mulheres dos séculos XVIII para trás, como Elena, Luisa, Isabel, Maria, Amora, Branca e Iguaçu. E este é um dos objetivos do dicionário: recuperar para a história estas personagens desoladas e muitas vezes cortadas da história oficial.

Os organizadores levantaram material biográfico em arquivos públicos e bibliotecas de várias capitais do Brasil, além de acessos em instituições da França, Portugal e Holanda. O resultado são 900 verbetes biográficos e temáticos, com dados referentes às mulheres, muitos inéditos na historiografia. O dicionário propõe um recorte temporal mais amplo, divide a cronologia a partir das manifestações em dois grandes períodos. O primeiro vai de 1500 a 1890, tendo como fato que divide a cronologia a ruptura promovida pela República. O ano-limite de 1975 se explica pela inauguração, neste momento, de um novo período do movimento feminista nacional, que se estende até nossos dias. No primeiro período (1500-1890) são focalizadas mulheres indígenas (figuradas pela memória oficial, exploradas, violentadas pelo processo de colonização, negras (ocupadas das posições sociais típicas, por um lado, e transgressoras da ordem social, participantes de movimentos libertários, por outro) e brancas (selecionadas pela ocupação, cidadania de transgredir a ordem masculina, vinculadas ao rígido ordenamento religioso do período).

Com relação ao período que abrange sobretudo o século XX (1890 a 1975), foram biografadas mulheres que se envolveram em movimentos de acesso à educação, ao voto, à luta por ideias políticas e por sua afirmação profissional e artística. Para chegar às biografias, além da pesquisa em fontes documentais (livros, arquivos, revistas), foram realizadas entrevistas com as próprias cidadãs e membros de sua família. Um exemplo de como a feminilidade marca nossa história são os verbetes dedicados às mulheres coletadas como "Mãe", como Mãe Benita (doceira negra do século XIX), Mãe Luzia (nascida escrava, a partir foi conhecida como a primeira "doutora" do Amparo) e Mãe Menininha do Gamales (uma das mais importantes laboristas brasileiras).

■ CONSERVADORES E REACIONÁRIOS

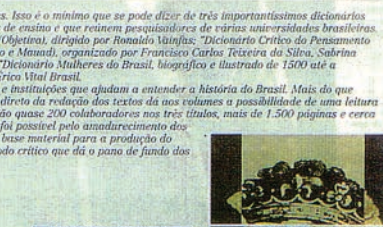
O mais polêmico dos três lançamentos, "Dicionário Crítico do Pensamento da Direita" é resultado de quatro anos de pesquisa e consagra 300 verbetes, entre personagens, ideias e instituições. Além dos óbvios "fascismo", "ditadura", "eugenia" e "conservadorismo", o livro biografa personagens brasileiros e estrangeiros, como Carlos Lacerda, Churchill, Engênio Goulart, Gubineau, Miguel Heale, Ortega y Gasset, Lindolfo Collor, e analisa fatos e eventos que têm ligação direta com o conservadorismo ou com sua reação, como "aborto", "biológicos" e "aids". Entre os colaboradores estão Leandro Gonçalves, Ronaldo Vainfas (responsável pelo "Dicionário do Brasil Colonial"), Anita Leopoldina Prestes e Lucília de Almeida Neves, entre mais de cem autores.

No texto de abertura da obra, de autoria de Francisco Carlos Teixeira da Silva, é feita uma revisão do conceito de conservadorismo. Para o autor, para se compreender o amplo espectro que abrange o campo conservador é preciso ir além da mera identificação entre direita e atraso. Neste campo cabem várias manifestações, como o conservadorismo, o tradicionalismo e o reacionarismo. Mais do que uma reação à modernidade, a direita passou a atuar a partir de um programa objetivo, que tem origem histórica, teórica e exigências práticas e técnicas. Por isso, não há que se pensar que o dicionário traz temas "congelados" pelo passado, mas ações e personagens que mostram hoje, de forma operativa, seus projetos. Um alerta para momentos em que, de forma insidiosa, começam a despertar no campo social fenômenos como o fundamentalismo, nacionalismo, operação Condor, crise na Lugoslávia e neofascismo. Em tempo: estes cinco títulos são verbetes do "Dicionário".

Os verbetes têm enfoque crítico e histórico, permitem remissão a outros tópicos e são seguidos de bibliografia, escrita e atualizada. São em geral de formato enciclopédico, alguns mais alentados (o verbe "fascismo" tem mais de 15 páginas) e outros mais resumidos (como a biografia do extremista anti-semita argentino Walther Darré). Alguns verbetes se desdobram, como "darwinismo", que vem seguido de "darwinismo e evolução" e "darwinismo social". O mais interessante para os brasileiros são os temas vinculados à história social e política do País, sempre integrados no quadro geral do pensamento conservador, como é o caso dos verbetes dedicados a "legislação trabalhista", "Plínio Salgado" e "Nacional-Populismo".

■ COLÔNIA CRÍTICA

José Miralles foi um espanhol que nasceu em 1696 e se radicou na Bahia. Autor de um livro reputado como "píssimo" sobre a história militar brasileira de 1519 a 1762 (ele morreu em 1770) ficaria de fora dos registros



ALÉXANDRE